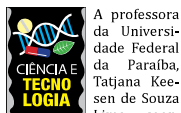


Um país não se desenvolve sem ciência, diz professora

Coordenadora da Pós-graduação de Biotecnologia ressalta importância da pesquisa para o crescimento de um povo



A professora da Universidade Federal da Paraíba, Tatjana Keesen de Souza Lima, coordenadora da Pós-graduação em Biotecnologia, faz um apelo: "As pesquisas têm grande importância para o bem-estar da população, com a descoberta de novas vacinas, novas drogas, novas tecnologias. O corte de verbas às universidades públicas feito pelo Governo Federal deixa os brasileiros à deriva. Um país que não faz ciência não se desenvolve."

Tatjana Keesen coordena doutorandos, mestrandos e graduandos que pesquisam doenças infecciosas, em especial as arbovírus como a dengue, a chikungunya e a zika. O grupo também desenvolve pesquisas em leishmanioses; coletam dados para retratar a doença na Paraíba, que nunca foram levantados; procuram substâncias para o tratamento e tentam entender como as doenças evoluem nos infectados. Os pesquisadores já têm trabalhos publicados em importantes revistas científicas internacionais. Mas esse esforço pode acabar sem chegar ao final se a política federal de contingenciamento nos financiamentos para pesquisas permanecer.

A maior parte do tempo da doutoranda Rephaany Fonseca Peixoto, por exemplo, é empregado na universidade. Seus colegas sofrem a mesma situação, quando até os familiares pergun-



Fotos: Diego Nóbrega

Pesquisadores têm atuação de destaque, com trabalhos publicados em importantes revistas científicas internacionais, mas temem não poder dar continuidade devido aos bloqueios dos recursos

tam se eles passarão a vida estudando: "E quando você começa a trabalhar? Ora, eu trabalho, e muito", esclarece Fany, que é orientada por Tatjana Keesen. "Eu pesquiso. As pessoas precisam saber que medicamentos que

estão em farmácias partem de laboratórios como esse, na UFPB, onde trabalhamos. Nosso cotidiano de pesquisa é uma vida à parte - dedicação total - e as pessoas desconhecem isso. Aqui, identificamos os mecanismos que

causam doenças infecciosas típicas do Brasil, como a leishmaniose ou a dengue. Com isso, é possível elaborar políticas públicas para combater o mal e as pessoas podem viver melhor", salienta a doutoranda.

Entre os estudos realizados no Laboratório de Imunologia das Doenças Infecciosas, as pesquisas relativas à leishmaniose tiveram o apoio financeiro do Programa Pesquisas para o SUS (PPSUS), um progra-

ma do Ministério da Saúde, CNPq, e Governo do Estado da Paraíba, realizado através da Secretaria de Estado da Educação da Ciência e Tecnologia (SEECT)/Fundação de Apoio à Pesquisa (FAPESQ).



Pesquisadores elaboram mapa da leishmaniose em JP

A leishmaniose é uma "doença tropical negligenciada", típica no Brasil. Na Paraíba, desde 2016 até agora, foram registrados 163 casos de leishmaniose visceral e 16 pessoas morreram. Mas as ocorrências das formas cutânea, na pele, não estão nessa conta. É manifestada de formas diversas, que podem ser cutâneas (na pele), ou visceral (quando ataca principalmente o baço e o fígado), também chamada de calazar. É uma doença cara quando tratada no hospital; cara para o paciente que tem efeitos colaterais insuperáveis; e pode levar à morte. É transmitida por um mosquito que é salitante, com atividade a partir do crepúsculo. Como não ocorre nos países onde ficam as

sedes dos grandes laboratórios farmacêuticos, não há pesquisas internacionais para desenvolver tratamentos.

A pesquisa coordenada por Tatjana Keesen revelou um retrato da doença em João Pessoa através da análise em cães infectados e em pessoas. O resultado da comparação da contaminação dos humanos e dos animais não bateu: onde tinha muito caso canino, havia pouco ou nenhum caso humano. Por quê?

"Temos duas hipóteses, e acho que as duas são válidas", explica Tatjana. "Uma delas é que a equipe do Centro de Zoonoses de João Pessoa é insuficiente para cobrir toda a

cidade e não registra a identificação em cães em locais onde encontramos muitos pacientes humanos. A outra hipótese é baseada em pesquisas de outro professor, identificando que a leishmania que está no cão é a cutânea difusa, não a visceral. E ainda, foi descoberto que há pessoas com a doença, mas não a desenvolveram".

O Programa PPSUS possibilitou também a colaboração do professor Pedro Cordeiro, do CCEN da UFPB, que fez uma coleta de morcegos e marsupiais das matas de João Pessoa e descobriu indivíduos contaminados por leishmaniose. "Isso sugere que a doença não sai das matas.

Por João Pessoa ter preservado as matas, o ciclo silvestre é mantido lá; a doença não está chegando nos humanos. Ao desmatar, o transmissor passa para o ambiente urbanizado - onde antes era seu habitat.

A pesquisa continua com a busca por substâncias naturais e sintéticas contra a leishmania, que provoquem menos efeitos colaterais e sejam mais baratas. A triagem começou com mais de 120 substâncias; foram detectadas 10 possíveis de uso que agora passarão para nova fase de testes. Mas a questão que abriu essa matéria retorna agora: será possível que as pesquisas continuem?

Primeira chance

Estudantes terão oportunidade de inserção no mercado

No segundo semestre deste ano, 230 estudantes das escolas técnicas e profissionalizantes da Rede Estadual de Ensino deverão iniciar um estágio no mercado de trabalho. Eles serão selecionados através do programa estadual Primeira Chance e contarão com o apoio de mentores para o fortalecimento pessoal e profissional durante a empreitada.

"O Primeira Chance está no programa pedagógico da Rede Estadual de Ensino como uma das pontes articuladoras entre a escola, a vida e o desenvolvimento do nosso Estado. Ele articula a escola e o nosso aluno para o primeiro emprego e também o setor produtivo com a escola. Dessa interação, o projeto se ajusta para se aproximar das necessidades das comunidades e do setor produtivo, de modo que a escola também possa cumprir sua missão de contribuir para o desenvolvimento dos arranjos produtivos locais", informa o secretário de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia, Aléssio Trindade.



Os alunos serão selecionados através do programa estadual e contarão com apoio de mentores para o fortalecimento pessoal e profissional



Fotos: Divulgação

Mais do que uma chance de colocação no mercado, o programa vai gerar um impacto social, ambiental e econômico dentro da própria escola e na região, conforme o coordenador do Primeira Chance, Antônio de Pádua: "O setor produtivo local será potencializado com o acréscimo dos conhecimentos gerados na escola e a escola receberá conhecimentos vindos das empresas."

Pádua explica que as oportunidades - tanto para os alunos quanto para as empresas - serão abertas em setores-chave da economia nas diferentes regiões da Paraíba, por exemplo, no Litoral, em turismo, hotelaria e restaurantes; em São Bento, Guarabira e Cajazeiras, onde há cursos de vestuário, moda e têxtil, e empresas nesse segmento. Outra porta de ingresso ao estágio será em órgãos e instituições estaduais.

A seleção dos estagiários é feita a partir de informações reunidas no "Banco de Talentos", acessível pelos responsáveis nas escolas. As empresas que receberão os candidatos escolhidos também serão selecionadas através de editais, elaborados de acordo com o resultado dos diálogos com empresários dos arranjos produtivos locais. Os trabalhadores novatos receberão bolsas de R\$ 500,00 e R\$ 300,00, pagos pelo governo, e o valor-transporte e o seguro, pagos pelas empresas.

Conforme Pádua, ainda neste mês será lançado o edital direcionado para o setor de turismo, hotelaria, bares e restaurantes em João Pessoa, com 40 vagas. É o resultado da parceria com a Associação Brasileira de Bares e Restaurantes

(Abrasel-PB) e a Associação Brasileira de Hotéis (ABIH-PB).

"A educação é o nosso maior patrimônio", fala Manuelina Hardman, presidente da ABIH. "Será um grande incentivo para estágio, aprendizagem e primeira experiência profissional para os estudantes". Arthur Lira, presidente da Abrasel-PB, afirma que há 60% de chances de efetivação nesse setor. "Vagas são abertas constantemente no nosso segmento que está se profissionalizando a cada dia. A qualificação tem melhorado muito com os cursos universitários e

técnicos", ressalta Arthur Lira.

Uma vez que os estudantes vivenciarão uma experiência fora da escola, eles serão acompanhados pelos mentores da ação "Linha de Chegada". Giovania Lira e Luiza Iolanda Cortez irão multiplicar nas escolas uma ação já validada em experiências anteriores com alunos egressos das Escolas Cidadãs Integradas. Elas criarão o material de apoio pedagógico e formarão os coordenadores de estágio em cada escola. Em seis meses de estágio serão realizados 12 encontros de mentoria.

"O objetivo é não deixar o estudante sozinho no mundo do trabalho, que ele saiba que tem um espaço onde pode ser ouvido, para que ele possa avançar. Aliar o projeto de vida do estudante com o mundo do trabalho", salienta Giovania Lira. Luiza Iolanda complementa: "A proposta de trabalho e de ensino se torna natural e os estudantes a incorporam para suas vidas, o que traz impactos na família, na escola, na sociedade.